

O mestre artesão da arte do ensinar e aprender

The master of the art of teaching and learning

Gladir da Silva Cabral
Carlos Renato Carola
Universidade do Extremo Sul Catarinense
Criciúma-Brasil

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão sobre a arte de ensinar e aprender e sobre o ofício do professor como um trabalho artesanal que, mais do que domínio de técnicas específicas, demanda envolvimento humano integral, sensibilidade estética e consciência ambiental, constituindo-se numa forma de ser e habitar o mundo. A partir de leituras de Friedrich Nietzsche, Rubem Alves, Jorge Larrosa e Paulo Freire, o texto explora algumas implicações da metáfora da artesanaria para a reflexão e práxis do educador. O ofício de professor implica a habilidade de chamar os estudantes para o desafio de experimentar o contato direto com a realidade do mundo e da vida em todas as suas dimensões: intelectual, emocional, crítica e afetiva, ética e estética.

Palavras-chave: Professor Artesão; Ensinar; Habitar e Ser.

Abstract

This essay proposes a reflection on the art of teaching and learning and on the teacher's craft as craftsmanship that, much more than the mastery of specific techniques, requires integral human involvement, aesthetic sensitivity, and environmental awareness, constituting a way of being and inhabiting the world. Based on Friedrich Nietzsche, Rubem Alves, Jorge Larrosa, and Paulo Freire, the text explores some implications of the metaphor of craftsmanship for the reflection and practice of the educator. The teaching profession implies the ability to call students to the challenge of experiencing direct contact with the reality of the world and of life in all its dimensions: intellectual, emotional, critical and affective, ethical and aesthetic.

Keywords: The Teacher as a Craftsman. Teaching. Inhabiting and Being.

Introdução

“A lua, o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugalar, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”
(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 436)

Originalmente apresentado na Semana de Formação Continuada dos professores da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) de julho de 2024, este texto nasceu das experiências, leituras e debates de uma disciplina ministrada no último semestre no PPGE da Unesc: “O Ofício de Professor”. Durante um semestre, acercamo-nos do tema com mestrandos e doutorandos munidos de textos teóricos, memórias pessoais, depoimentos, filmes e artefatos estéticos (poemas, contos, ensaios, fotos...). Nessa experiência, abordamos o tema do ofício de professor a partir de uma proposta nítida, mas certamente debatível: a do professor artesão.

Como pontos cardeais de nossas reflexões e ações pedagógicas para o semestre, tomamos por base o pensamento de pensadores como Walter Benjamin, Jorge Larrosa, Rubem Alves e Paulo Freire, entre outros. Lemos artigos, livros, assistimos a vídeos, conversamos, cantamos, desenhamos, trocamos ideias e percepções da nossa realidade humana. Decidimos tomar por modelo não o paradigma contemporâneo de atualização tecnológica, sempre fragmentada e atomizada que nos cerca, ou o modelo tecnicista, fordista da produção em série. Preferimos antes levar a sério uma figura de linguagem que entendemos contrapor-se à lógica *high-tech*, que em geral altera nossa capacidade de experimentar as coisas: preferimos a metáfora do professor artesão.

Mas o que é ser um professor artesão? E como esse jeito de ser pode nos ajudar a potencializar a sala de aula como espaço de aprendizado coletivo onde a reflexão libertadora e a interação dialógica nos tragam uma experiência intensa de aprendizado mútuo, em conexão com o mundo natural e o mundo social real, em relação pessoal e responsável com o outro, sensibilizada pelo exercício da percepção estética e pela criatividade humana? Nestes tempos em que se discute o pós-humano, temos de buscar o que há de humano em nós e cultivar em sala de aula o que seja orgânico, afetivo, autêntico e pessoal. Talvez, a ideia de tratar o ensino de modo mais artesanal possa nos reconectar com o que é mais concreto e natural, como seres que um dia aprenderam a caminhar, a fazer fogueira, a falar, a escrever,

a rir com amigos e familiares e a celebrar a vida. Num tempo de individualismo atomizado, queremos a dança do coletivo. Num tempo de ruído incessante do trânsito e dos motores de automóvel, queremos o silêncio e a canção, a calma da poesia e o canto dos pássaros. Num tempo de cinismo generalizado e desmobilização, queremos o desejo de mudança para uma vida de mais prazer, lazer e menos trabalho, mudança com dança, com arte, com amor. Queremos o saber e o sabor das coisas, o silêncio atento e a palavra que corta o silêncio; queremos e precisamos de relações mais afetivas, mais comprometidas com o bem viver.

A arte de desaprender e de aprender a ver

Quais seriam, então, os desafios de um professor artesão? A primeira coisa que nos cabe aprender para sermos professores artesãos é a arte de desaprender. Tomo emprestado as palavras de Rubem Alves, que ensinou que a arte do desaprender é muito antiga e remonta a filósofos e pensadores como Gaston Bachelard, Roland Barthes e Friedrich Nietzsche, além de poetas como Fernando Pessoa. E assim comenta Rubem Alves:

Barthes, ao sentir a velhice chegando, disse esta coisa surpreendente: que chegara a sua hora suprema, a hora do esquecimento, tempo de desaprender os saberes que havia aprendido. Posso imaginar o espanto que essa declaração deve ter provocado no erudito público presente a sua aula. Esquecer, desaprender: são o oposto daquilo que as escolas e professores pedem aos alunos. Os professores perguntam e os alunos, se tiverem memória boa, respondem e tiram boas notas (2011, n.p.)

E mais adiante, Rubem Alves cita Fernando Pessoa ao dizer que

Alberto Caeiro é de opinião semelhante. “O essencial é saber ver... Isso exige um estudo profundo, uma aprendizagem de desaprender... Procuro despir-me do que aprendi. Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram. E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos. Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras. Desembrulhar-me e ser eu...” (2011, n.p.)

E Rubem Alves conclui:

Encantam-me os eucaliptos velhos, suas cascas duras, rugosas, grossas, escuras, rachadas. Repentinamente elas se soltam: debaixo delas surge um eucalipto rejuvenescido, casca verde-creme, lisa, sobre ela a mão desliza com prazer. Nós, humanos, para renascer, temos de esquecer – abandonar a casca velha para que a nova apareça. As cascas vazias das cigarras presas aos troncos das árvores são um passado subterrâneo que teve de ser abandonado para que o ser voante nascesse. Esse é o caminho da educação... (2011, n.p.)

Além de desaprender séculos e séculos de hábitos encravados em nossa forma de pensar e praticar a educação, há que se aprender a ver, pois é disso que trata o nosso ofício

de professor. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em uma de suas pérolas de aforismos, no seu texto *Schopenhauer como Educador*, afirma que a tarefa do educador é ensinar a ver:

Tus verdaderos educadores y formadores te revelan cuál es el auténtico sentido originario y la materia fundamental de tu ser, algo que en modo alguno puede ser educado ni formado y, en cualquier caso, difícilmente accesible, capturable, paralizable; tus educadores no pueden ser otra cosa que tus liberadores (Nietzsche, 2000, p. 3).

Rubem Alves retoma essa ideia em seu artigo “A complicada arte de viver”. Ele comenta: “O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver” (2004, n.p.). Educar é muito mais uma atitude que se assume como exemplo e uma forma de sedução, de influência na vida do outro, do que transmissão de informação ou conhecimento. Ela acontece na relação humana, na intersubjetividade, entre pessoas. Educar é compartilhar uma percepção, um modo de se colocar e se relacionar com o mundo. É chamar a atenção do olhar. E nessa linha de raciocínio, pode-se dizer que educar é ensinar não apenas a ver, mas a pensar, a falar e a escrever. Certamente, poderíamos acrescentar ainda a arte de ouvir. Dessa maneira, Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin, Rubem Alves são nossos aliados na formulação de uma educação crítica e criativa, renovadora para tempos desafiadores como o nosso, para além do utilitarismo técnico, para além da rotina automatizada da tradição irrefletida.

A educação começa pelo olhar, é uma forma de ver o mundo e ver não apenas o mundo como ele é, mas também como pode vir a ser, pelo exercício da imaginação. No compasso do poema de Manoel de Barros: “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê... É preciso transver o mundo” (2010, p. 350). O grande desafio do educador é, portanto, convidar os estudantes a abrirem os olhos para enxergar de modo pleno e profundo a realidade. O professor artesão vê, no que já existe, a possibilidade de alguma oportuna transformação, mas sem antecipar resultados, sem apressar processos, sem impor condições. Como um poeta, que se tiver no seu dia, olha uma pedra e vê a semente de alguma coisa muito maior, mais nobre, mais bela. Embora, como certo dia confessou Adélia Prado: “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo” (2006, p. 201). De qualquer forma, trata-se de uma reeducação do olhar para a visão mais clara e densa das coisas, como cantou Gilberto Gil na canção “Metáfora”: “Uma lata existe para conter algo / Mas quando o poeta diz: lata / Pode estar querendo dizer o incontível” (1992), uma sugestão de algo que transborda os limites conceituais estreitos de uma ordinária lata.

A arte de ser professor

Ora, o que faz um professor artesão? Quais suas mais evidentes marcas? Suas características? Primeiramente, o professor tem como sua matéria-prima a palavra, e só a palavra já é um universo, e suas mãos como ferramentas para expressar e orientar a arte do ensinar e do aprender. Há hoje em dia, além do quadro-negro (ou branco), uma parafernália de recursos tecnológicos a serviço do educador. São invenções mais ou menos recentes que prometem dinamizar e tornar mais eficiente a tarefa de quem ensina e o desafio de quem aprende. Essas ferramentas modernas pretendem dar amplitude e efetividade ao trabalho do professor, mas a matéria-prima básica do educador é a palavra. Ali está a essência do seu ofício. Seja para construir um conceito, para formular um problema, seja para operacionalizar um cálculo, desenvolver um argumento ou uma narrativa, a ferramenta do professor artesão é a palavra em sintonia com suas mãos, mãos de artesão.

Por isso, ele precisa afiar cotidianamente seu acervo de palavras e ideias para construir pensamentos e pontes e fazer conexões de modo a propor um diálogo com os estudantes. Por essa razão a leitura é uma necessidade básica do professor, bem como o exercício da escrita – atividades ligadas ao domínio da linguagem que se constrói pela leitura, o pensamento e as mãos que escrevem, e não apenas digitam. O professor artesão conhece o sabor das palavras, e as palavras que dão saber. Ele tem suas palavras preferidas, seus livros prediletos, aos quais dedica atenção especial. Cultiva sua biblioteca como um marceneiro organiza suas ferramentas na parede da oficina. Às vezes, essa paixão pela palavra o torna um ser um tanto falante. Nossa, como falam os professores! Mas é um caso de amor com a palavra e não somente a palavra falada, senão sobretudo a palavra escrita. O mestre artesão lapida a palavra como o ourives trabalha o diamante, consciente do valor inestimável que ela tem e do poder ou da potência que a palavra possui para transformar o olhar sobre as coisas e as coisas. É por isso que Rubem Alves chama o professor de mestre de espantos, pois sua maior tarefa é provocar nos estudantes o senso de assombro diante da realidade. A desautomatização do olhar. O estranhamento diante da linguagem.

A mesma seriedade para com a palavra encontra-se nas reflexões de Antônio Bispo dos Santos que, em seu livro *A terra dá, a terra quer*, compreende que a palavra torna-se também ferramenta de dominação, adestramento e colonização. É preciso estabelecer uma estratégia de resistência diante das forças que nos querem colonizar por meio da palavra, seja

falada, seja escrita, mas sobretudo escrita. Um trabalho que consiste na escolha das palavras que utilizamos e que por algum motivo estejam sendo mal utilizadas.

E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer *desenvolvimento*, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra *desenvolvimento*. Porque a palavra boa é *envolvimento*. (Santos, 2023, p. 13-14)

E assim Antônio Bispo vai contrapondo, para cada palavra que domina e coloniza, uma palavra que liberta e inspira a criatividade e a interação. Para “desenvolvimento sustentável”, ele propõe que usemos “biointeração”, para “coincidência”, “confluência”, para o “saber sintético”, o “saber orgânico”, para “colonização”, “contracolônização” e assim por diante. É que as palavras, muito mais do que expressões neutras e transparentes, são formas de habitar o mundo e posicionar-se nele.

O educador brasileiro Paulo Freire também acentua a importância da relação com as palavras como ponto de partida de nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Em sua palestra *A importância do ato de ler* (1985), ele narra seus primeiros contatos com a leitura de mundo e das palavras. Fala delas não como condutoras de conceitos ou ideias abstratas, mas como parte inseparável de seu quintal, de seu mundo e sua gente. Sua relação com as palavras é orgânica, fértil de sensações e estímulos táteis, olfativos, visuais, sonoros e gustativos. Ou seja, as palavras estão na raiz de sua experiência humana, de seu modo de ser, e isso desde sua infância, com parte integral de seu processo formativo. E Freire enfatiza a vinculação com a comunidade, com as pessoas que fazem parte de seu mundo real. A palavra nos costura à dimensão coletiva, social da vida. O mesmo tipo de experiência presente na narrativa de vida e memórias de Antônio Bispo.

Bispo fala do poder de resistência da palavra nas comunidades periféricas das grandes cidades brasileiras, nos subúrbios e favelas do país. A gíria nada mais é, segundo ele, do que uma forma de comunicação que fura o bloqueio dos poderes que dominam a cidade. A gíria é o código secreto da revolta e da contraposição. É um jeito de “enfeitiçar a língua” (Santos, 2023, p. 14). E assim Bispo enumera uma série de palavras que foi utilizando em seu trabalho de pesquisador e militante, pesquisante e militador, podemos dizer: palavras tais como “*biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolônismo*” (Santos, 2023, p. 15, destaques do autor). Para ele, palavras

são sementes, elas infiltram-se na terra, germinam, transformam-se, mudam o cenário ao redor, geram vida, frutificam. Como ele mesmo diz, são “palavras germinantes”.

No caso do professor artesão, não se trata de memorizar essas palavras curiosas e que efetuem a vontade de saber e de mudar as coisas. Trata-se, isto sim, de juntos inventarmos novas palavras, que são na verdade novas formas de ver o mundo, palavras que tenham em si a força das sementes ou a fluidez dos rios, como a palavra “confluência”, muito melhor do que o termo técnico biointeração. “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente”, afirma Bispo, “a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende” (Santos, 2023, p. 15). Algumas palavras a gente relembra, traz de volta ao uso. Outras palavras a gente descobre em outros campos, ou em outros cantos, pede emprestado, apropria-se. Outras palavras a gente inventa, e para isso temos todo um arsenal de metáforas e a experiência renovadora da poesia. No fundo, não há bloqueio de criatividade que sobreviva a dez minutos de leitura de Manoel de Barros.

Rubem Alves costumava dizer que o mestre artesão sabe que a palavra não apenas diz, mas faz coisas. Ela tem força para significar e, portanto, construir realidade. Nada mais desalentador do que o professor que não tem mais noção do peso e da leveza da palavra. Por isso, o professor muitas vezes se confunde com o poeta, para quem a palavra é tudo. “Logos”, em grego, quer dizer palavra, mas não apenas a palavra falada ou escrita, senão também razão, sentido, discurso, linguagem, ordem, conhecimento, pensamento. Daí sua direta afinidade semântica com a lógica, o raciocínio, e na língua portuguesa “logos” está na raiz de inúmeras palavras como filologia, dialogia, diálogo, biologia, psicologia e por aí vai. O professor é um artesão e sua ferramenta de trabalho é a palavra, que é o filamento com o qual se escreve o texto, o tecido do pensamento. É arte manual, visto que o texto se escreve a lápis, a caneta, a giz ou digitando nos teclados de um computador. De qualquer modo, o processo de feitura do texto é a fiação do tecido da palavra.

Jorge Larrosa, em seu capítulo “Do espírito artesão”, comenta sobre o documentário *No Mundo*, de Tao Ruspoli (2009), que dialoga com o conceito heideggeriano de ‘ser-no-mundo’ exposto na obra *O Ser e o Tempo* e começa com o depoimento de vários profissionais que compartilham alguma coisa em comum: a paixão pelo que fazem – um baixista de jazz, um carpinteiro, uma cozinheira, um cantor flamenco, um barqueiro, um trompetista, um percussionista... Todos parecem compartilhar a “conexão consigo mesmos”, “o amor às ferramentas”, “o amor à cozinha”, a centralidade dos relacionamentos pessoais, a

importância de escutar os outros, como num conjunto de jazz, por exemplo. Enfim, como observa Larrosa, “o que todos eles mostram é seu estar vinculados a um mundo, seu estar chamados a atuar de certa maneira em um mundo” (2018, p. 128), ou seja, eles evidenciam o vínculo que há entre as pessoas. Não se trata de dominar e manipular o mundo, mas de ser tocado por ele, ser sensível a ele, ser guiado, responder a ele. Ou como diz Paulo Freire (1997; 2000; 2005), amar o mundo, amar os oprimidos em comunhão com sua libertação. Ou com Maturana, que ousou demonstrar em suas pesquisas que “o amor não é um fenômeno eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano” (Maturana, 1998, p. 67), um fenômeno que, diferentemente do ódio e da guerra, está naturalmente presente em todas as comunidades de vida dos ecossistemas, inclusive no ecossistema social humano.

Na crítica que faz às cidades do mundo moderno e ao estilo de vida urbano, Antônio Bispo dos Santos reafirma o sentido de vida compartilhado comunitariamente e temperado com arte, mas com um tipo de arte que não vira mercadoria, não se compra e não se vende no contexto do mercado. “A arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada” (Santos, 2023, p. 23). Ele conclui o argumento: “Para nós, quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não faz uma comida, quem não se emociona com a cantiga de um pássaro não tem um modo agradável de viver” (Santos, 2023, p. 23). Esse modo diferente de viver estabelece outra relação com os demais seres vivos. É uma forma outra de habitar o mundo. É nesse contexto que ele faz a distinção entre ser importante e ser necessário. Na cidade da modernidade a importância das pessoas e do que elas fazem é medida por sua utilidade, podendo ser substituídas a qualquer hora. “O termo que tem valor para nós é *necessário*. [...] As pessoas que são necessárias são diferentes, são pessoas que fazem falta” (Santos, 2023, p. 24). Como Davi Kopenawa havia constatado em sua obra *A queda do céu*, Bispo confirma que “[n]a cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria” (Santos, 2023, p. 25). Ele destaca o estilo de vida comunitário, baseado na troca responsável, na mútua dependência, nos afetos, na imaginação amorosa, coletiva, não concorrente, mas confluyente e participativa. Ali estão em vigor os valores da intuição e da solidariedade.

Em seu livro *Por uma pedagogia da pergunta* (2013), Paulo Freire, em diálogo com Antonio Faundez, reflete sobre o riscos de viver o cotidiano sem questionamento, sem levar em conta a experiência da alteridade, a presença do outro, isto é, sem produzir um conhecimento real, sem construir um sentido. O papel do educador consiste em aprender e

ensinar a fazer perguntas que mobilizam e levam ao conhecimento, e só é possível perguntar em um contexto de liberdade democrática. Tal exercício tem, portanto, implicações políticas evidentes e inevitáveis. A pergunta do aluno muitas vezes desloca o professor de sua posição de conforto, assim como as perguntas do professor podem gerar certo deslocamento no aluno. O conhecimento começa com a curiosidade que gera a pergunta. O professor artesão sabe da importância da pergunta. O ensino focado nas respostas põe fim à conversa, estanca o fluxo da curiosidade e castra a possibilidade do conhecimento.

Reconhecendo os desafios da educação na era pós-pandemia, António Nóvoa, em seu livro *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*, propõe uma reflexão sobre o lugar da escola e o papel do professor em um mundo em constante transformação. Ele reconhece o delírio de imaginar uma sociedade tecnológica em que o papel da escola e do professor são ameaçados de extinção – “seria um futuro sem futuro, pois a educação implica uma relação humana marcada pelo imprevisível, pelas vivências e pelas emoções, implica um encontro entre professores e alunos mediado pelo conhecimento e pela cultura” (Nóvoa, 2022, p. 6). Nóvoa acentua a necessidade de proteger tanto a escola quanto o professor, nesse universo de avanços técnicos e perda de significado. Propõe investimento cuidadoso na formação do educador e na indução profissional (residência docente) para a posterior plena atuação. Ao fim da obra, destaca seis pontos fundamentais para a formação profissional docente: 1) “a formação de professores é uma formação profissional de nível universitário”, algo além de uma formação técnica, prática, o que na verdade seria uma semiformação (Nóvoa, 2022, p. 97); 2) “a formação de professores deve ser concebida ao longo de todo o ciclo de vida profissional, desde o primeiro dia como estudante da licenciatura até ao último dia como professor” (Nóvoa, 2022, p. 98); 3) desenvolvimento de estudos relacionados ao ciclo de vida profissional dos professores, algo que despontou inicialmente nos anos 1990, confirmando a importância de programas governamentais de indução docente; 4) os programas de residência profissional são fundamentais para aprimoramento dos estudantes formados em licenciaturas, promovem o contato com professores mais experientes e ajudam os iniciantes a darem seus primeiros passos; 5) os benefícios desses programas não são apenas individuais, mas coletivos; 6) os programas ajudam a implementar a reconfiguração da profissão. De nossa parte, entendemos que é no convívio e nas trocas entre novos professores e professores mais experientes que se aprimora a prática e a reflexão sobre a arte da educação. No diálogo, partilha-se sensibilização, visões de mundo, narrativas novas e

criativas, experimentos que levam a novas compreensões sobre a arte de ensinar como uma experiência humana integral.

E aqui aparece outra característica essencial do ofício do professor artesão: a noção de experiência. Walter Benjamin (1987), em sua crítica à modernidade, aponta para a perda da experiência, ou melhor dizendo, da capacidade de ter experiência. Num mundo dominado pela racionalidade técnica, o sujeito já não se relaciona mais diretamente com as coisas, lugares e pessoas ao redor. Sua relação é mediatizada por um sem número de objetos, tranqueiras. Em seu artigo "O Narrador", Walter Benjamin exemplifica com a mudez que envolvia os soldados que retornavam da I Guerra Mundial, sua incapacidade para narrar e falar das coisas que haviam vivido nos campos de batalha. Tudo agora, segundo Walter Benjamin, é fragmentado, separado da ideia de tradição, que se perde diante das mudanças aceleradas trazidas pela modernidade, e isso num caldo borbulhante de mudanças culturais, sociais e tecnológicas. Essas mudanças tornam muito difícil a elaboração subjetiva da experiência, a fruição compassada e a reflexão sobre o que está acontecendo ao redor. O excesso de informação e a velocidade das transformações afetam diretamente o modo como as pessoas percebem a realidade.

Em seu artigo "Notas sobre a experiência e o saber da experiência", Jorge Larrosa (2002) define experiência como aquilo que nos passa, que nos toca, que nos atravessa, que nos acontece. Não apenas o que acontece no mundo ou ao nosso redor, mas aquilo que nos alcança e de certo modo nos afeta. Ele analisa as possíveis causas da perda da capacidade humana para experiência e faz uma lista de elementos da vida moderna que nos impedem de ter uma experiência plena: em primeiro lugar, o excesso de informação, e informação não é experiência; em segundo lugar, o excesso de opinião. Parece que somos obrigados a ter e dar uma opinião sobre tudo o que acontece hoje no mundo, mas uma opinião em geral não esclarecida, não educada pela pesquisa e pela reflexão, uma opinião apaixonada e rápida, ou seja, precipitada. Essa enxurrada de palpites de formadores e deformadores de opinião nos impede de termos uma experiência autêntica e consciente. Na verdade, ela dispensa a experiência. Walter Benjamin citava o jornal impresso e sua carga informativa como um elemento que anulava a experiência. Hoje em dia, com as mídias digitais e as redes sociais, as opiniões se replicam e multiplicam sem qualquer limite. Larrosa também cita a falta de tempo como outra força que impede ou desestimula a experiência, e a falta de tempo é fruto da aceleração das mudanças e dos avanços no mundo moderno. A sensação que temos é de que

todo o nosso tempo está tomado por atividades e produção. Um quarto elemento que, segundo Larrosa, impede a experiência é o excesso de trabalho, sobretudo nos espaços educacionais que separam a teoria da prática, desprezando a teoria como perda de tempo e elegendo o trabalho como o mais importante, como se ele por si só fosse garantir uma experiência. Há trabalho que aliena, que cancela e apaga a experiência.

Justamente por ser aquilo que afeta, que toca, a experiência também está na ordem dos afetos, das paixões, das emoções. É na vida concreta das pessoas que a educação acontece, é uma experiência existencial, que envolve a singularidade da pessoa humana. Essa educação produz marcas na subjetividade das pessoas, gera memórias afetivas, produz efeitos nos afetos, para bem e para mal. Pode gerar traumas também, é claro, decepções, desencontros, tensões; mas tudo isso faz parte da experiência educativa, que envolve o “padecer”, o ter paciência, o ser paciente, o estar atento, o abrir-se para a mudança e para a presença do outro, do novo. Como a educação envolve relacionamentos, professor-estudantes, professor-professores, estudantes-estudantes, ela abrange a dimensão afetiva também. E talvez o melhor ambiente para que a educação ocorra de modo pleno e frutífero seja o da amizade. Pessoas que andam juntas, param juntas para ler um texto ou ouvir uma reflexão ou proposição conceitual, compartilham, desde os tempos das academias e liceus gregos ou romanos, o mesmo espaço de diálogo e aprendizado. Isso não quer dizer que não haja conflito ou disputa. Certamente, haverá. Mas os conflitos são equacionados mediante acordos e combinações coletivas.

Um dos recursos mais potentes do professor artesão é a experiência estética. Por meio da arte e dos objetos artísticos, é possível criar sabores e saberes que ajudam a construir conceitos e a refletir sobre questões sociais, filosóficas, éticas importantíssimas. A arte, dentro da sala de aula, independentemente da disciplina, pode ser uma grande aliada quando o objetivo é criar experiência, tocar os afetos, chegar ao outro. A arte opera numa região diferente da informação e da abstração. Ela faz reverberar certas notas e certas cordas que já estão tensionadas no interior dos seres humanos. Essa vibração diferente tem cores, formas que chamam a atenção, engajam a imaginação, que é a ponte entre a mente e o coração, entre racionalidade pura e a emoção mais íntima. Isso pode ser experimentado em qualquer uma das linguagens artístico-culturais. Uma canção pode abrir um debate sobre educação e ética, ou sociedade e política. Uma pintura renascentista ou abstrata pode servir de contexto para uma discussão frutífera em sala de aula sobre meio ambiente e psique humana. Um filme,

a cena de um romance, um conto podem ilustrar conceitos e ajudar a pensar outros. Não é por acaso que os primeiros filósofos (gregos) escolheram os diálogos como ambiente predileto para suas discussões teóricas. Aliás, teoria em grego quer dizer contemplação, como muito bem nos fez lembrar Gilberto Gil numa de suas canções sobre ciência e tecnologia (Gil, 1997).

O ensino artesanal, como propõe Larrosa, faz uso da narrativa e da imaginação. Daí a importância da linguagem ensaística, da leitura e produção de textos poéticos, do exercício da escrita em sala de aula. Em tempos de “Inteligência Artificial/ChatGPT” gerando automaticamente uma tonelada de textos por segundo, a educação artesanal pode ser uma alternativa séria de estímulo à autoria estudantil, de busca e afirmação da voz do aprendente bem como a do ser ensinante. A arte, como bem nos lembra Antonio Candido (2017) em seu ensaio “O direito à literatura”, contribui para que nos tornemos plenamente humanos. Por isso ele a vê como um direito, não como um privilégio para uns poucos. A arte humaniza não no sentido de domesticar, de tornar bonzinho, de adoçar a vida, mas de mostrar as contradições da experiência humana, as tensões internas e externas, as lutas e disputas de poder. A arte contribui para tornar a nossa vida mais rica em experiências.

Como afirma Larrosa, “[o] saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (2002, p. 27). Portanto, outro elemento importantíssimo na concepção do professor artesão é o corpo, a corporeidade. O corpo é a base onde as coisas acontecem, onde nascem os pensamentos, onde a experiência se concretiza. Assim, é no corpo que acontece a experiência e é nele que se dá o aprendizado, a educação artesanal. Ainda que vivamos num mundo rodeado e atravessado pelo virtual, é no corpo que as tecnologias desembocam e é a ele que as imagens e textos virtuais se dirigem. Mesmo na educação a distância, há um corpo deste lado da conexão e há outros do lado de lá. Mesmo no autodidatismo, ninguém está absolutamente só. As ferramentas digitais não se constroem sozinhas, ainda. Mas o mais importante, para o professor artesão, é o reconhecimento da presença corporal. O ensino presencial é seu locus privilegiado. É no ateliê ou na oficina da sala de aula que se dá o encontro dos corpos, das personagens, das subjetividades. E isso dá sustentação à experiência. A educação precisa de uma ancoragem e, além da palavra e do corpo ensinante, ela se completa no corpo aprendente, um corpo que tem memórias, desejos, sonhos, afetos e interioridade. A educação artesanal contempla a fisicalidade, as mãos, os pés, os olhos, os braços de quem estuda, lê, fala, conversa, ri e

também chora – isto é, contempla a integralidade do ser humano, não apenas sua dimensão mental ou racional. É, na verdade, uma experiência integral.

A arte de habitar o mundo

E a sala de aula? Como vemos e usamos a sala de aula? Nestes mais de 30 anos de uso cotidiano da sala de aula, desde o tempo do “quadro negro”, do retro-projetor, do mimeógrafo até as atuais tecnologias da internet, o *design* tradicional da sala de aula, ou seja, o paradigma arquitetônico da “educação bancária” (Paulo Freire) – carteiras enfileiradas, mesa do professor e quadro digital – parece resistir ao tempo e aos discursos de inovação. Às vezes, encaramos a sala de aula como um fardo, um tormento; outras vezes, apenas como um local de trabalho; e em alguns momentos, a sala é um lugar de boas e importantes conversas com nossos alunos. Gostando ou não, entretanto, a sala de aula é o espaço “sagrado” do professor, o lugar que poucos, exceto os extremistas neofascistas, ousam profanar. Mas o que pode fazer o professor artesão, ou melhor, como fazer da sala de aula um ateliê da arte do ensinar e do aprender? A primeira coisa a fazer é mudar a forma de “ver” a sala de aula; a segunda, é transgredir a disposição ordinária das carteiras enfileiradas e a hierarquia tradicional da educação bancária, tarefa bem mais difícil ou impossível com salas de aulas superlotadas. A sala-ateliê do professor artesão é um espaço de reflexão, criação e interação dialógica.

Entretanto, mais do que fenômeno circunscrito à sala de aula, a educação é uma experiência que acontece no mundo, no meio em que habitamos. Do ponto de vista do professor artesão, a educação é uma forma de habitar o mundo, muito mais do que analisá-lo ou compreendê-lo racionalmente. A educação artesã implica um modo generoso e não agressivo de morar na Terra. Nesse ponto, temos muito que aprender com os povos originários. Pensadores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku e Davi Kopenawa têm muito a nos dizer sobre habitar o mundo de modo respeitoso e alternativo em relação ao que a modernidade e o capitalismo globalizado têm realizado até aqui. Dessa maneira, educar é cultivar outras formas de se relacionar com a natureza, com as pessoas da comunidade, com a vida, enfim. Isso é algo que se conecta muito bem com o conceito de “bem viver” concebido pelos povos originários da América do Sul, uma forma de pensar (e sentir) o mundo a partir do modo de vida ameríndio (Acosta, 2016). Essa forma diferente de habitar o mundo “[e]stá no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas, favelas ou comunidades rurais e na *minga* ou *I andina*. Está presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no

candomblé” e implica o aprendizado de um novo jeito de conviver “[...] com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos ‘parte’ dela e que não podemos continuar vivendo ‘à parte’ dos demais seres do planeta” (Turino, 2016, p. 14-15). Como ressalta Alberto Acosta, “[o]s indígenas não são pré-modernos nem atrasados. Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial” (Acosta, 2016, p. 24). Essa proposta vigorosa de futuro provoca a imaginação e estabelece a continuidade de uma utopia. Como declara Ailton Krenak (2022), “o futuro é ancestral”, ou não haverá futuro algum. O professor artesão sabe: sem perspectiva de futuro, não há como realizar educação que sobreviva às crises do tempo presente.

De fato, uma das mais importantes contribuições do ofício do professor artesão é a conexão dos estudantes com o mundo natural e social – a educação vista como um modo de habitar o mundo. Como foi comentado no início deste ensaio, a educação configura-se essencialmente como um modo de ver. Daí a importância do professor artesão como aquele que permite que os estudantes vejam a sociedade, a comunidade circundante e o meio ambiente (o mundo natural, com seus mananciais, parques e reservas). Para Larrosa, o ofício do professor une sentir e pensar o mundo, como na proposta de Paulo Freire. Exercer o ofício de professor, para Larrosa, é mais do que encaminhar a rotina de uma profissão, uma atividade profissional, é sobretudo encontrar um modo de estar no mundo. E o ofício do professor tem “um significado material, humilde, cotidiano, concreto, singular, encarnado de certas maneiras de exercer o ofício e, em suma, de estar no mundo” (Larrosa, 2018, p. 143). Sim, ser um professor artesão é um modo de estar no mundo e é também um convite a que adultos, jovens e crianças estudantes descubram também um modo mais equilibrado, orgânico, significativo de estar no mundo, sobretudo em sintonia com os dramas que acontecem na cidade, mas também em sintonia com as forças da natureza, com a vida vegetal e animal em sua plenitude. As coisas que acabamos de dizer estão em consonância com os quatro pilares da educação propostos pela Unesco: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (Morin, 2000). Tudo isso somado leva ao aprender a habitar o mundo.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

ALVES, Rubem. Esquecer para saber. In: **Folha de São Paulo**, 17 de maio de 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1705201104.htm>. Acesso em: 27 jan. 2025.

ALVES, Rubem. A complicada arte de ver. In: **Folha de S. Paulo**, 20 out. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 171-193.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Edunesp, 2000.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1985.

GIL, Gilberto; CHEDIAK, Almir. *Songbook – Gilberto Gil*. V. 1. Rio de Janeiro: Lumiar, 1992.

GIL, Gilberto. Quanta. In: GIL, Gilberto. **Quanta**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1997.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LARROSA, Jorge. Elogio da sala de aula. In: LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 329-342.

LARROSA, Jorge. Do espírito artesão. In: LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 126-148.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagens da educação e na política**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1998.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Schopenhauer como educador**. Traducción de Luis Moreno Claros. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

NÓVOA, António. **Escolas e professores**: proteger, transformar, valorizar. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

TURINO, Célio. Prefácio. In: A COSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016. p. 13-16.

Sobre os autores

Gladir da Silva Cabral

Doutor em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

E-mail: gladirc@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9695-9504>

Carlos Renato Carola

Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP); e Pós-Doutorado pela Facultat de Magisteri de Universitat València (Espanha, 2016). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

E-mail: crc@unescc.net **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0073-9588>

Recebido em: 24/03/2025

Aceito para publicação em: 13/10/2025